

COMPETÊNCIA DOCENTE E TECNOLOGIA

NO ENSINO A DISTÂNCIA:

Uma reflexão sobre o chamado de Deus na docência

Mauricio Santos da Silva¹

Samuel Marques Campos²

RESUMO: O presente artigo investiga, sob perspectiva teológico-sistemática, o uso da tecnologia no ensino a distância (EaD) e sua relação com a competência do docente acadêmico cristão, considerando o chamado de Deus para a docência à luz de 1 Coríntios 10.31b (“Façam tudo para a glória de Deus”). A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamenta-se nas contribuições de Czeszak, Faraço, Coley, MacCullough, Masetto, Kenski, Almeida e Hendricks. O estudo analisa a transformação do papel docente diante das novas tecnologias, a teoria da distância transacional, os princípios da andragogia e o ensino transformador cristão. Argumenta-se que a competência tecnológica do docente de teologia não é meramente instrumental, mas teologicamente orientada, integrando eficiência, mediação pedagógica, cosmovisão bíblica e maturidade espiritual. Sustenta-se que o docente cristão deve buscar excelência formativa superior, não por competitividade acadêmica, mas por coerência com seu chamado vocacional. Conclui-se que a tecnologia, compreendida como aplicação sistemática do conhecimento, pode ser instrumento de glorificação a Deus quando orientada por uma filosofia educacional bíblica e por uma prática docente reflexiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino a Distância; Tecnologia Educacional; Docência Cristã; Andragogia; Teologia Sistemática.

ABSTRACT: This article investigates, from a systematic-theological perspective, the use of technology in distance education and its relationship to the competence of the Christian academic teacher, considering God's calling to teaching in light of 1 Corinthians 10:31b (“Do all for the glory of God”). This qualitative bibliographic research is grounded in the contributions of Czeszak, Faraço, Coley, MacCullough, Masetto, Kenski, Almeida, and Hendricks. The study analyzes the transformation of the teaching role in the face of new technologies, transactional distance theory, the principles of andragogy, and Christian transformative teaching. It argues that the technological competence of the theology teacher is not merely instrumental but theologically oriented, integrating efficiency, pedagogical mediation, a biblical worldview, and spiritual maturity. It maintains that the Christian teacher should seek superior formative excellence, not for academic competitiveness, but out of consistency with their vocational calling. The study concludes that technology, understood as the systematic application of knowledge, can be an instrument for glorifying God when guided by a biblical educational philosophy and a reflective teaching practice.

¹ Mauricio Santos da Silva é bacharel em Sistemas de Informação pela Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro, 2009). É especialista em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário SENAC (São Paulo, 2018). Atuou como instrutor nos Cursos de Aperfeiçoamento e de Formação de Sargentos no Comando da Marinha (2019-2022). E-mail: mauriciosadasi@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia da Religião (PPGSA-UFPA), Mestre em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA). Docente acadêmico, coordenador de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: samuel.campos@seminarioequatorial.com.br.

KEYWORDS: Distance Education; Educational Technology; Christian Teaching; Andragogy; Systematic Theology.

INTRODUÇÃO

O avanço e o impacto das tecnologias digitais transformaram significativamente os processos educacionais contemporâneos, especialmente no âmbito do ensino a distância (EaD). Tal transformação impacta diretamente a identidade e a competência do docente acadêmico, exigindo novas habilidades técnicas, comunicacionais e pedagógicas. No contexto da formação teológica, essa demanda assume contornos ainda mais profundos, pois o docente cristão não exerce apenas uma função profissional, mas responde a um chamado vocacional diante de Deus.

Este estudo delimita-se à análise reflexiva da competência do docente acadêmico cristão no uso da tecnologia no ensino a distância, articulando fundamentos pedagógicos e teológicos à luz da exortação paulina: “Façam tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31b).

De que maneira o docente acadêmico com formação teológica deve compreender e desenvolver sua competência no uso da tecnologia no ensino a distância, considerando seu chamado divino para exercer a docência para a glória de Deus?

O presente artigo tem o objetivo geral de refletir teológico-tecnicamente sobre a competência do docente acadêmico cristão no uso da tecnologia no ensino a distância, articulando fundamentos pedagógicos e princípios bíblicos.

Os objetivos específicos são: analisar o impacto das tecnologias educacionais na redefinição do papel docente; examinar a teoria da distância transacional e suas implicações para o EaD; relacionar os princípios da andragogia com o modelo pedagógico de Jesus; integrar tecnologia e cosmovisão bíblica na prática docente; e desenvolver reflexão teológica sobre excelência profissional à luz de 1 Coríntios 10.31b.

A expansão do EaD exige revisão crítica da formação docente. No campo teológico, essa necessidade é ainda mais sensível, pois o docente cristão é chamado a integrar competência técnica, maturidade espiritual e fidelidade bíblica. A reflexão sistemática sobre tecnologia e docência contribui para consolidar uma prática educacional que una excelência acadêmica e fidelidade ao evangelho.

A pesquisa é bibliográfica, fundamentada exclusivamente nas obras indicadas no fichamento. Adota-se análise interpretativa e articuladora entre os autores, buscando convergências e tensões conceituais.

1. TECNOLOGIA E TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL DOCENTE

1.1 Novas competências no contexto digital

Czeszak observa que o docente, que cresceu antes da popularização da Internet e das tecnologias digitais, isto é, nasceu antes de 1980, conhecido como “imigrante digital”, frequentemente se sente despreparado diante do uso das novas tecnologias, uma vez que tais competências não foram contempladas em sua formação inicial. Contudo, sua presença permanece imprescindível para desenvolver no estudante senso crítico e reflexivo (Czeszak, 2017).

A tecnologia não substitui o docente, mas redefine sua atuação. Não se resume às ações de aprender a ensinar on-line, mas de utilizar as mídias eletrônicas com mestria a fim de agregar valor ao ensino e à aprendizagem.

Essa afirmação desloca a discussão do campo instrumental para o campo formativo: a competência tecnológica envolve intencionalidade pedagógica.

1.2 O nativo digital e o desafio da reinvenção docente

O conceito de “nativo digital” indica um grupo de estudantes que estão imersos nas novas tecnologias desde o dia de nascimento, consolidando esse saber durante os anos na educação básica. Essa realidade exige que o docente busque os recursos necessários para se aproximar desse estudante, reinventando-se. Tal reinvenção não implica abandono da identidade docente, porque continua sendo imprescindível como mediador crítico, mas é necessário buscar a sua formação continuada.

1.3 Tecnologia como Aplicação do Conhecimento

Coley e MacCullough definem tecnologia como aplicação sistemática do conhecimento à criação de mecanismos e sistemas para auxiliar a experiência humana, ou seja, não envolve apenas dispositivos (Coley, MacCullough, 2025). Um exemplo de organização mais funcional pode ser observado na divisão da Bíblia em capítulos e versículos numerados, recurso inexistente nos manuscritos originais. Em termos amplos, trata-se de um sistema incorporado posteriormente ao conjunto dos textos e traduções, com o objetivo de facilitar a localização, o compartilhamento e a interpretação das passagens. Nesse exemplo, tecnologia relaciona-se diretamente à busca por maior eficiência no uso e na comunicação da informação.

2. ENSINO A DISTÂNCIA E DISTÂNCIA TRANSACIONAL

2.1 A natureza da distância transacional

Kenski, a partir de Moore, apresenta o conceito de distância transacional, compreendida como distância geográfica e comunicativa que o ambiente EaD propõe (Kenski, 2005). Essa distância aumenta significativamente quando não há intercomunicação entre docentes e discentes, atingindo o seu auge no momento que os discentes “são abandonados à própria sorte” com os conteúdos de estudos propostos na disciplina.

Almeida reforça que a distância transacional envolve dimensões físicas, psicológicas e comunicacionais, sendo que é influenciada pelo diálogo, pela estrutura do curso e pela autonomia do estudante (Almeida, 2005). Assim, quanto mais significativa e frequente for a interação construída por meio de *feedback* entre os participantes, menor tende a ser a distância transacional. Isso evidencia o papel central do discente cristão no processo acadêmico, pois sua atuação contribui diretamente para reduzir esse distanciamento.

Constata-se que a competência tecnológica do docente não consiste apenas em dominar plataformas e recursos tecnológicos, mas em reduzir a distância transacional por meio de diálogo significativo.

2.2 Formação docente como desafio central

Kenski destaca que o maior desafio se encontra na formação profissional do *imigrante digital* (grifo do autor) para lidar com diversidade tecnológica quando o estudante, nativo digital, já possuem conhecimentos avançados em inovações tecnológicas (Kenski, 2005). Docentes bem formados conseguem administrar essa disparidade e promover uso criterioso das tecnologias.

Tal perspectiva converge com Hendricks, que afirma que o docente é antes de tudo um aprendiz (Hendricks, 1991). A insatisfação produtiva — perguntar constantemente “como posso melhorar?” — é condição para excelência pedagógica, ou seja, é um processo contínuo.

3. ANDRAGOGIA E O MODELO ANDRAGÓGICO DE JESUS CRISTO

3.1 Fundamentos da andragogia

Faraço explica que a andragogia¹ considera as particularidades e motivações dos estudantes adultos, que desejam participação ativa e trazem bagagem experiencial relevante para o processo *acadêmico* (grifo do autor) (Faraço, 2025). Os estudantes adultos procuram estratégias que lhes permitam engajar-se e atuar de modo participativo no processo formativo, em vez de assumirem uma postura meramente receptiva diante dos conteúdos. Essa autonomia na aprendizagem é essencial para o docente sustentar o interesse e a motivação do estudante adulto, que geralmente concilia responsabilidades pessoais e profissionais capazes de influenciar diretamente suas metas acadêmicas.

O docente cristão não deve ser compreendido como mero repassador de conteúdos, mas como mediador do processo formativo do discente adulto, apoiando os estudantes na conexão entre os conhecimentos adquiridos e suas experiências concretas, bem como os desafios cotidianos que enfrentam. Nessa perspectiva, a andragogia propõe um contexto educacional que valoriza os saberes previamente construídos pelo aprendiz e o estimula a participar de maneira ativa e responsável em seu próprio percurso de aprendizagem.

3.2 Jesus Cristo como precursor Andragógico

Segundo Faraço, Jesus antecipou princípios andragógicos ao partir do conhecimento prévio de seus ouvintes, utilizando elementos do cotidiano agrícola, base econômica do povo judeu daquela época, para explicar o Reino de Deus (Faraço, 2025). Percebe-se que Jesus iniciava seu ensino a partir do repertório já conhecido por aqueles que o escutavam. Essa característica torna-se evidente em muitas de suas parábolas. Inserido em uma realidade predominantemente agrícola, Ele comunicava sua mensagem utilizando imagens e situações familiares ao cotidiano do povo. Dentro dessa perspectiva andragógica, Jesus anunciava, entre outros aspectos, o Reino de Deus. Como por exemplos: *"O Reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo."* (Mateus 13:31, NVI); *"Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu lhes asseguro que se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda,*

¹ O conceito de andragogia, que é comumente descrito como o método de ensino destinado aos adultos, emerge de um contexto que reconhece as modulações do aprendizado na fase adulta. A expressão se tornou mais difundida na década de 1960 graças ao educador dos Estados Unidos Malcolm Knowles, que resultou a importância de compreender as particularidades que envolvem a educação de adultos. Segundo Knowles, a bagagem de vivências dos adultos é extremamente útil para a educação. Ao contrário dos jovens e crianças, que geralmente aprendem a partir de informações novas, os adultos, facilitando a aplicação prática de novos conhecimentos em suas rotinas diárias (FARAÇO, 2025).

poderão dizer a este monte: 'Vá daqui para lá', e ele irá. Nada lhes será impossível." (Mateus 17:20, NVI); *"Ouçam! O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda."* (Marcos 4:3-5, NVI); e *"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta; e todo que dá fruto ele poda, para que dê mais fruto ainda. Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado."* (João 15:1-3, NVI)

Tais questões do Reino demandavam elevado grau de compreensão e abstração, algo que, para muitos, representava um desafio significativo. Ainda assim, Jesus destacou-se por relacionar verdades profundas a elementos concretos da vida diária, recorrendo a referências comuns à sociedade agrícola de sua época para tornar acessíveis realidades espirituais complexas.

Esse método revela conexão entre conteúdo transcendente e experiência concreta. No contexto do EaD, o docente cristão é chamado a aplicar o mesmo princípio: contextualizar sem diluir a verdade.

4. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E COSMOVISÃO BÍBLICA

Coley e MacCullough definem filosofia da educação como conjunto de crenças sobre objetivos, natureza do estudante, papel do docente e currículo (Coley, MacCullough, 2025). Quando vista pela perspectiva bíblica, exige disposição para mudança. A educação cristã visa não apenas florescimento presente, mas formação para a vida futura.

Afirmam que, embora possa apresentar conteúdos semelhantes a determinadas opiniões ou percepções sobre educação, uma filosofia da educação distingue-se por ter sido cuidadosamente refletida, organizada e assumida de modo intencional como um corpo coerente de convicções que orienta a prática do educador. A diferença entre possuir uma filosofia educacional estruturada e apenas opiniões esparsas sobre o ensino assemelha-se à distinção entre uma filosofia de vida bem elaborada e uma cosmovisão não sistematizada.

Acrescentam que as cosmovisões, em muitos casos, permanecem pouco definidas, sem exame crítico ou articulação integrada, o que pode permitir a coexistência de incoerências não percebidas pelo próprio indivíduo. Situação semelhante ocorre com educadores que sustentam determinadas concepções pedagógicas: é possível que abriguem crenças contraditórias acerca da educação sem que tais tensões tenham sido identificadas e analisadas, o que tende a gerar práticas inconsistentes.

Ao construir uma filosofia da educação, o profissional submete suas convicções a um processo de revisão e organização, buscando maior clareza quanto à direção que pretende seguir e aos objetivos que almeja alcançar. No caso de professores que adotam uma cosmovisão bíblica ainda em processo de amadurecimento, existe um conjunto de crenças que serve de referência, mas nem sempre uma teologia ou filosofia de vida plenamente sistematizada. Por essa razão, o desenvolvimento de um raciocínio fundamentado em uma cosmovisão bíblica sólida mostra-se essencial para o cristão que deseja coerência entre fé, pensamento e prática educativa com o uso da tecnologia.

Dessa forma, os autores defendem que o planejamento do currículo deve desenvolver não só a cosmovisão bíblica, mas também a tecnologia relacionando à eficiência, sempre se perguntando se está honrando a Deus por meio dela.

5. 1 Coríntios 10.31b e a competência docente

A nota de rodapé, na Bíblia King James Fiel 1611, sobre a parte *b* de 1 Coríntios 10:31 cita: “Aquele que deseja fazer tudo para a glória de Deus não terá sucesso, caso aja sem consideração para com os outros.” O chamado cristão para a competência docente é glorificar a Deus em tudo, sobretudo no que se diz respeito ao ensino, então a competência tecnológica do docente teólogo não é opcional. Fazer tudo para a glória de Deus implica buscar excelência também na mediação digital. A competência superior do docente cristão não decorre de elitismo, mas de coerência vocacional. Sua atuação deve refletir obediência, pois, como afirma Hendricks, no plano espiritual o oposto de ignorância não é conhecimento, mas obediência (Hendricks, 1991).

6. DISCUSSÃO TEOLÓGICA

A reflexão obtida ao longo deste estudo evidencia que o uso da tecnologia no ensino a distância, sob a perspectiva teológico-sistemática, não pode ser reduzido a uma questão metodológica. Trata-se de um tema que abrange a vocação, a cosmovisão, a antropologia teológica e a ética cristã aplicada à docência.

Inicialmente, observa-se um acordo significativo entre os autores quanto à centralidade do professor como mediador no processo educacional. Czeszak insiste que a figura docente permanece imprescindível para a formação do senso crítico, apesar das transformações tecnológicas impostas pelo progresso (Czeszak, 2017). Masetto corrobora com essa compreensão quando define a mediação pedagógica como atitude de elo entre o discente e o conhecimento (Masetto, 2015). Almeida e Kenski, ao abordarem a distância transacional,

demonstram que a presença ativa do professor é determinante para reduzir o isolamento andragógico que se caracteriza no ambiente virtual (Almeida, 2015; Kenski, 2005). Essa convergência indica que a tecnologia no ambiente EaD não substitui a autoridade formativa do docente, mas redefine as formas de sua atuação no exercício do ensino.

Todavia, constata-se uma tensão teológica significativa entre autonomia do estudante adulto, definida pela andragogia, e a elaboração de uma estrutura curricular orientada por cosmovisão bíblica. A valorização da experiência do discente, conforme Faraço, não implica relativização da verdade (Faraço, 2025). Ao contrário, o modelo de ensino praticado por Jesus Cristo demonstra que a contextualização parte do repertório do ouvinte e o conduz a uma verdade objetiva sobre o Reino de Deus. Assim, autonomia observada na andragogia não pode ser confundida com independência epistemológica absoluta. A educação, sobretudo a cristã, conforme Coley e MacCullough, impõe coerência entre a fé, o currículo e a prática, rejeitando pressupostos relativistas (Coley, Maccullough, 2025).

Outra tensão a se destacar encontra-se entre eficiência tecnológica e maturidade espiritual. Se tecnologia, conforme elencada, é aplicação sistemática do conhecimento para maior eficiência, o risco está em absolutizar o desempenho técnico. Porém, 1 Coríntios 10.31b retifica a discussão: a finalidade última não são somente a eficiência, mas glorificar a Deus por meio dos recursos tecnológicos no ambiente virtual. A nota destacada na Bíblia King James Fiel 1611 aponta que agir para a glória de Deus exige consideração ao discente. Isso vincula de forma direta a o ambiente EaD e a ética relacional. Expressões concretas de amor ao próximo no contexto acadêmico são: reduzir a distância transacional, oferecer *feedback* significativos ao estudante e estruturar ambientes interativos. Assim, não podem ser consideradas apenas estratégias didáticas.

Do ponto de vista doutrinário, a discussão envolve ao menos três dimensões. Primeiro, a doutrina da vocação: o docente cristão exerce ministério intelectual que resulta em excelência coerente com seu chamado. Segundo a doutrina da criação e do mandato cultural: a tecnologia, como desenvolvimento de capacitação humana, pode ser entendida como desdobramento legítimo da ação do homem no mundo criado. Por último, a doutrina da santificação: Hendricks recorda que o oposto de ignorância é obediência (Hendricks, 1991). Assim, o aprimoramento da competência tecnológica por meio da formação continuada não pode ser preterido ao exercício da docência, mas entender como submissão ao senhorio de Cristo sobre a prática docente.

Destarte, a competência tecnológica do professor teólogo, especialmente no EaD, deve ir além dos padrões técnicos que se pratica nas rotinas acadêmicas. Sua atuação precisa harmonizar a eficiência, a mediação pedagógica, a formação cosmovisional e a

responsabilidade relacional. Dessa maneira, a tecnologia deixará de ser instrumento neutro e se tornará meio consciente de glorificação a Deus no exercício da docência acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida permitiu responder ao problema proposto: de que maneira a competência tecnológica do professor com formação teológica, no contexto do ensino a distância, relaciona-se ao seu chamado cristão e à glorificação de Deus? A análise implicou que tal competência não se resume a uma habilidade instrumental, porém como expressão de vocação, de cosmovisão e de responsabilidade espiritual.

Constatou-se, no início, que a transformação digital não elimina a centralidade do docente, todavia redefine sua atuação. O “imigrante digital” é desafiado a superar suas lacunas formativas por meio de aperfeiçoamento contínuo, reconhecendo que sua presença mediadora é *sine qua non* para o desenvolvimento crítico do estudante. A tecnologia, como aplicação sistemática do conhecimento para maior eficiência, exige intencionalidade pedagógica ao invés de um domínio técnico.

No âmbito do EaD, verificou-se que a mitigação da distância transacional depende de um diálogo estruturado, de um *feedback* qualificado e de uma interação significativa. Logo, competência tecnológica implica capacidade relacional e não apenas operacional. O docente cristão que negligencia essa verdade compromete não somente a qualidade acadêmica, como também a coerência com sua própria vocação.

A análise da andragogia e do modelo pedagógico de Jesus Cristo implicou a contextualização e a verdade não são excludentes. O Messias partia da experiência concreta de vida do povo judeus daquela sociedade economicamente agrária para conduzir à compreensão do Reino, ensinando-nos que a mediação eficaz integra conteúdo transcendente e realidade cotidiana. No ambiente virtual, essa integração exige a criatividade, o planejamento curricular coerente com cosmovisão bíblica e o compromisso com a formação integral do estudante.

À luz de 1 Coríntios 10.31b, observa-se que fazer tudo para a glória de Deus inclui a excelência na mediação tecnológica no ambiente EaD. A competência superior do professor teólogo não se respalda em distinção elitista, mas em coerência vocacional. Aperfeiçoar-se continuamente, reduzir distâncias andragógica e estruturar ambientes digitais mais humanizados retratam expressões de obediência cristã ao chamado de Deus.

Portanto, este estudo contribui para a Teologia Sistemática ao integrar tecnologia, vocação docente e ética cristã, comprovando que o uso responsivo e qualificado da tecnologia

no EaD pode tornar-se meio legítimo de glorificação a Deus e de formação acadêmica coerente com a fé cristã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Formação de docentes a distância: avaliação e perspectivas**. 2015. p. 4.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudos NVI**. São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 1639, 1646, 1680, 1823-1824

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Fiel 1611**. Niterói: BV Books Editora, 2024. 7ª edição atualizada no Brasil. p. 1787.

COLEY, Kenneth S.; MACCULLOUGH, Deborah L.; MACCULLOUGH, Martha E. **Ensino transformador: ideias e ferramentas estratégicas para líderes e educadores cristãos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025. p. 25, 27, 51, 62, 67, 409.

CZESZAK, Wanderlucy A. A. **Novas tecnologias aplicadas à educação (aula2, aula3, aula4)**. São Paulo: Centro Universitário Senac, 2017. p. 2-3, 4

FARAÇO, Wilson. **Ensino e autoridade: análise da prática andragógica de Jesus e sua contribuição para o ensino e aprendizagem cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025. p. 20, 71, 75, 88-89.

HENDRICKS, Horward. **Ensinando para transformar vidas**. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 15, 17, 36, 46, 63.

KENSKI, Vani Moreira. **Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem**. 2005. p. 3, 8.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica para o docente universitário**. São Paulo: Summus 2015. p. 57-58